

Sobre o momento político actual

ALVARO CUNHAL

Fala à Rádio Portugal Livre

P. Camarada Alvaro Cunhal. Quando da formação do governo de Marcelo Caetano, o Comité Central do Partido Comunista Português desde logo esclareceu qual seria o objectivo da demagogia «liberalizante»: manter o salazarismo detrás de uma nova fachada. Em Janeiro, fazendo o balanço dos primeiros três meses do novo governo, a Comissão Política do Comité Central demonstrou exaustivamente que a previsão do Partido Comunista se confirmara: que sem Salazar o salazarismo continua. Passaram mais alguns meses, novos acontecimentos tiveram lugar. Daí a primeira pergunta desta entrevista: Quais as características fundamentais da situação política no actual momento?

R. Dois aspectos característicos fundamentais da situação política se devem considerar no momento actual.

O primeiro: Ao fim de sete meses de governo de Marcelo Caetano, a demagogia «liberalizante», como tentativa de manter o salazarismo a coberto de nova fachada, desmascarou-se perante as massas e o agravamento da crise do regime e das suas dificuldades e contradições internas aparece cada vez com maior evidência.

O segundo: Nos sete meses decorridos desde a formação do governo de Marcelo Caetano, regista-se, num desenvolvimento progressivo, o mais importante fluxo da luta popular desde 1961-62, cujo elemento mais significativo é a onda de greves e lutas da classe operária.

Esta situação constitui surpresa, tanto para aqueles que acreditaram em que o fascismo se destruiria a si próprio, como para aqueles que menosprezaram as dificuldades do regime e o potencial combativo da classe operária e do povo português. Não constitui surpresa para o Partido Comunista, que de há muito caracterizara e delimitara a crise do regime e a sua evolução, as manobras liberalizantes e os seus objectivos, as perspectivas de luta e as formas

de luta mais adequadas.

Desde a primeira hora, da formação do governo de Marcelo Caetano, o Partido Comunista pôs a nú os objectivos da demagogia «liberalizante»: alargár as bases de apoio interno e os aliados externos do regime, criar a expectativa e a passividade, refrear a luta popular, impedir a súbita agudização da luta de classes, atrair os elementos mais vacilantes da Oposição a uma atitude colaboracionista e isolar o Partido Comunista de forma a separar o conjunto da Oposição do seu único partido revolucionário, o partido da classe operária portuguesa.

Desde a primeira hora, o Partido Comunista, caracterizando justamente o novo governo, tal como o de Salazar, como o governo terrorista dos monopólios (associados ao imperialismo) e dos latifundiários, afirmou também que o agravamento da crise do regime criava uma situação nova, possibilidades novas para acção democrática, para o fortalecimento da sua organização, para a rápida ampliação das lutas populares, para alcançar a satisfação de numerosas reivindicações.

Desde a primeira hora, o Partido Comunista insistiu, tanto na necessidade de desmascarar a demagogia «liberalizante», como na ne-

cessidade de aproveitar o agravamento da crise do regime, de que essa própria demagogia é índice, para quebrar o imobilismo político, conquistar posições, obrigar o governo a cumprir promessas demagógicas, dar um novo curso à vida política, reforçar as ligações com as massas, organizar e intensificar a luta com objectivos concretos imediatos.

Aproveitando a nova situação para desencadear um amplo movimento que, nesta fase, culminou nas greves e paralizações de Janeiro - Fevereiro na região de Lisboa, de muitas dezenas de milhar de trabalhadores, a classe operária deu e está a dar uma lição de maturidade política que tem faltado a não poucos dirigentes oposicionistas. A jornada do 1.º de Maio acaba também de ser, estamos certos, mais uma prova do papel do proletariado na frente antifascista.

A par da classe operária, as lutas dos estudantes em defesa do movimento associativo e de outros direitos, as lutas por eleições sérias, pela amnistia, pela liberdade de imprensa, pelo livre debate de ideias, pelo direito de organização, reanimam a frente democrática e dão corpo a uma nova torrente de acção política.

Se é perigoso sobrestimar a importância dos êxitos alcançados nos últimos meses, mais perigoso seria ainda menosprezá-la. Os aumentos de salários e outros benefícios conseguidos através das magnificas greves e paralizações dos trabalhadores, posições conquistadas em organizações de massas (designadamente em sindicatos e em associações de estudantes), a libertação de alguns presos, a reanimação da iniciativa política da Oposição, a multiplicação de assembleias, colóquios e debates, são vitórias de grande significado e influência no momento actual. Tal como as derrotas desanimam e desmoralizam, vitórias sucessivas, mesmo que limitadas, estimulam a vontade combativa, avivam novas energias, contagiam, animam a prosseguir, a ampliar e a diversificar a luta e a passar a uma fase superior.

Os primeiros sete meses do governo de Marcelo Caetano saldaram-se por sérios revéses da sua manobra « liberalizante » e por importantes êxitos da classe operária e do movimento democrático.

A luta popular está voltando contra os fascistas a manobra através da qual estes procuram consolidar-se no poder.

P. Ninguém contesta certamente, porque está à vista, o novo fluxo da luta popular. Corresponde porém às possibilidades reais? Se não corresponde quais as razões? E mais importante ainda: Será bastante, ao nível actual, para voltar definitivamente con-

tra o fascismo a sua própria manobra demagógica?

R. Apesar de que se está verificando o mais importante fluxo da luta popular desde 1961-62, tem de considerar-se muito aquém das possibilidades reais abertas pelo agravamento da crise do regime.

A força e eficiência repressiva, que conserva o Estado fascista, é sem dúvida um sério obstáculo ao desenvolvimento da luta popular, mas não pode de forma alguma impedi-la, como mostra a história de 43 anos de fascismo e, se não quisermos ir muito atrás, como mostra as últimas lutas da classe operária e dos estudantes.

As razões porque a luta está aquém das possibilidades reais abertas pelo agravamento da crise do regime são fundamentalmente de natureza subjectiva. As lutas populares teriam já adquirido uma muito maior amplitude e um nível muito superior, se não se verificassem tendências nocivas e debilidades orgânicas na própria Oposição.

Falando de tendências nocivas que contrariam o desenvolvimento da luta popular, referimos particularmente, por um lado, concepções oportunistas, que se traduzem na ilusão de que Marcelo Caetano promoveria um real processo de democratização e de liquidação da ditadura; e, por outro lado, concepções esquerdistas e sectárias, que se traduzem no desprezo pelas formas legais e semi-legais de organização e pelas lutas com objectivos imediatos limitados.

Não pode deixar referir-se a influência negativa das concepções e actividades da Acção Socialista Portuguesa, há vários anos voltada para manobras de bastidores com aqueles que considerava « dissidentes da regime » e entre os quais se contava (hoje parece ironia, mas é verdade) o próprio Marcelo Caetano.

A intensa propaganda feita no movimento democrático para que se « desse tempo » a Marcelo Caetano de pôr em prática a suas belas intenções, para o apoiar contra os « ultras », para não assustar nem aquele nem estes com movimentos populares, para aguardar passivamente os acontecimentos, até para confiar em que eles, socialistas tolerados e respeitados pelo novo chefe do governo, negociassem os termos da « democratização », — contribuiu para criar um ambiente de expectativa e atrasar as lutas de massas.

No mesmo sentido influíram os amadores de frases pseudo-revolucionárias, afirmando que nada mudou na situação e que nenhuma possibilidade novas se abriram para a luta; menosprezando o aproveitamento das organizações legais e a conquista de posições nestas como meio de ligação com as massas; acusando de « legalismo » a acção legal e de « economismo » as lutas por reivindicações económicas; gritando a fórmula tão retumbante como idiota

de que « eleições são traições » e proclamando exaltadamente a necessidade de fazer a revolução, sem que aliás os arautos mostrem em qualquer caso disposição ou capacidade para fazê-la.

Falando de debilidades orgânicas, referimos particularmente debilidades de organização política, debilidades de posições nas organizações de massas, carência das mais variadas organizações e círculos de carácter progressista, insuficiências de organismos ilegais, semi-legais e legais para dirigirem as lutas de massas.

É certo que se regista um acréscimo da iniciativa nas tentativas de formação de estruturas políticas, na acção nos Sindicatos Nacionais e nas associações de estudantes, na criação e desenvolvimento de organismos de direcção de lutas com objectivos concretos imediatos, designadamente comissões de trabalhadores. Mas é um facto que em muitos casos tem faltado audácia, confiança, aplicação, dinamismo e persistência. É outro facto que, também no domínio da organização, tanto as tendências oportunistas de direita, como as sectárias, têm constituído um freio importante.

A luta popular pederia ter-se desenvolvido incomparavelmente mais, se não fossem estes factores negativos.

Temos insistido e continuamos a insistir em que, tanto o oportunismo de direita como o esquerdismo e o sectarismo, a predominarem no movimento antifascista, conduziriam a um mesmo resultado; à debilidade da organização, à separação das massas, ao refreamento da luta popular, à perda de posições e de possibilidades reais de acção.

Essas tendências, embora não sejam predominantes, exercem uma constante influência negativa, desorganizadora, desmoralizadora e desmobilizadora. É necessário prosseguir o combate contra elas de forma a que deixem de pesar seriamente na política da Oposição.

O movimento democrático vive um momento crucial. Tem ante si novas e reais possibilidades de desenvolvimento, mas corre o risco de poder perdê-las.

Persiste a expectativa e a passividade em largos sectores? Persistem as debilidades orgânicas? Há um recuo geral nas acções de massas? Nesse caso, o fascismo pode recompôr-se da crise que atravessa. Pode até acontecer que os fascistas, ao aperceberem-se da perda de ritmo da luta e das hesitações e debilidades do movimento democrático, possam recusar a satisfação de reivindicações e reclamações, às quais anteriormente, pela luta travada e pelo receio do seu agravamento, se mostram já dispostos a ceder.

Caminha o movimento democrático audaciosamente em frente? Organiza-se? Amplia a luta económica e política contra a ditadura?

Nesse caso, podemos afirmar: os fascistas pagarão caro terem querido jogar demagógicamente com os sentimentos e as aspirações do povo português. Serão obrigados a fazer muitas reais concessões, verão minados os alicerces do seu regime e entraremos, com as perspectivas mais favoráveis, num período de grandes batalhas políticas contra a ditadura fascista.

P. Afirmando a existência de tendências negativas, que prejudicam o desenvolvimento da luta popular, o Partido Comunista diz ser necessário combatê-las e superá-las. Afirma também que a unidade é necessária para o desenvolvimento da luta. Não exigirão os interesses da unidade o silêncio sobre as tendências negativas de outros sectores? Combater as posições de outros sectores não será dificultar a unidade? Ou sente-se o Partido capaz de, com os seus argumentos, esclarecer e convencer aqueles que considera oportunistas de direita e de esquerda e de os levar a rectificar as suas posições?

R. A unidade antifascista não é uma abstracção. Quando se estabelece a unidade, têm de definir-se os seus objectivos políticos e o seu plano e métodos de trabalho. Para nós, unidade não pode significar, nem conformação com a passividade, nem apoio à aventura. Só um louco poderia sonhar que o Partido Comunista buscaria ou aceitaria a unidade para apoiar a demagogia « liberalizante » de Marcelo Caetano, ou para entrar num orfeão de frases ultra-revolucionárias.

A unidade, para nós, comunistas, estabelece-se na acção e para a acção. Acção contra a política fascista. Acção em defesa dos interesses vitais do povo e da nação portuguesa. Acção com objectivos concretos bem definidos. Para estabelecer essa unidade, não regateamos esforços e inspiramo-nos por reais sentimentos de fraternidade antifascista.

Combatendo as concepções e tendências direitistas e esquerdistas, o Partido Comunista serve a causa da unidade. Essas concepções e tendências, são, pela sua essência política, antiunitárias e estão em alguns casos estreitamente ligadas a actividades divisionistas. Combater as concepções oportunistas de direita e de esquerda é lutar pela unidade do movimento democrático.

Seria ignorar as profundas raízes de classe que estão na origem das diferenças de concepções, supor que um trabalho de esclarecimento e convencimento bastaria para estabelecer a unidade de pontos de vista entre o partido do proletariado e agrupamentos da pequena burguesia e de sectores da média burguesia.

Depois, se é importante esclarecer e convencer aqueles que com as suas concepções exercem influências negativas, muito mais importante é esclarecer e convencer aqueles que as sofrem. Pelo confronto de opiniões e experiências, pelo debate, pela análise conjunta dos problemas de interesse comum, procuramos naturalmente esclarecer e convencer os sectores da Oposição que perfilham concepções diferentes ou contrárias das nossas. Mas a nossa tarefa maior é esclarecer e convencer as massas populares, subtraí-las às influências negativas, indicar-lhes um caminho justo, conduzi-las à luta.

Procuramos naturalmente convencer sectores que são adversários da unidade de que a unidade é necessária e defendemos a unidade antifascista sem discriminações. Mas a nossa primeira tarefa no que respeita à unidade é unir na acção efectiva os dirigentes e activistas que já são pela unidade e sobretudo unir na luta as próprias massas.

No momento presente, esta tarefa está simplificada porque nos últimos meses, além de ideias e argumentos, um outro factor interveio com toda a sua força de demonstração: os factos, os acontecimentos.

Poucas vezes, na já longa história da ditadura fascista, um tão curto período de tempo deu tão clara razão ao Partido Comunista e desmentiu tão claramente concepções oportunistas e esquerdistas.

Em vez de «raio de luz», que alguns viram nele, Marcelo Caetano prossegue os aspectos fundamentais da política salazarista: política dos monopólios, exploração dos trabalhadores, negação das liberdades, repressão policial, guerra colonial, entrega ao imperialismo.

Em vez de provocarem o golpe dos ultras, as lutas de massas, com referência especial às greves operárias, mostram ser o único instrumento capaz de obrigar o fascismo a fazer concessões.

Em vez duma situação inalterada, o agravamento da crise do regime criou condições favoráveis para a luta vitoriosa por objectivos concretos imediatos.

Não são só argumentos teóricos: a própria vida está demonstrando a justeza da análise da situação política actual feita pelo Partido Comunista Português e das perspectivas de acção que indicou.

Haverá opositoristas, hoje menos do que eram seis meses atrás, amanhã menos do que são hoje, que não saberão tirar as lições dos

factos. As massas, essas, estão mostrando na luta que sabem tirá-las.

Os sentimentos unitários são tão fortes no povo português que os sectores que insistam em querer dividir a Oposição e tentar isolar o Partido Comunista correm o risco de se dividir e isolar a si próprios. O povo português une-se na luta contra o fascismo e exige justamente que façam o mesmo todos os sectores da Oposição. A pressão das massas no sentido da unidade tem feito arrepiar caminho a alguns que, pelo divisionismo, seguiam direito à capitulação política e à colaboração com o regime. O 31 de Janeiro foi disso claro testemunho, como o são a tomada pública de posição de alguns socialistas e liberais contra o capitulacionismo e o alargamento de iniciativas antifascistas unitárias sem discriminações.

A unidade dos agrupamentos políticos é importante estímulo à unidade das massas, mas a unidade das massas não depende da unidade de todos os agrupamentos políticos. Bastará que aqueles que defendem a unidade se unam de facto na acção para ganharem as massas.

Pela nossa parte, continuamos lutando para unir na luta contra o fascismo e pela liberdade de todos os agrupamentos políticos antifascistas: católicos progressista, socialistas, republicanos, liberais. No último ano deram-se neste sentido passos positivos e há condições para ir mais adiante. A unidade antifascista é um trunfo de extraordinário valor para incentivar, organizar e dirigir o movimento democrático e impulsionar a força que decidirá da sorte do fascismo: a luta das massas populares.

P. O Partido Comunista tem afirmado que o anticomunismo é um elemento central da manobra «liberalizante» do fascismo e tem também afirmado que o anticomunismo é um factor de divisão e enfraquecimento da Oposição. Poderá dizer-se que, na actualidade, a discriminação anticomunista, que prosseguem alguns opositoristas, está relacionada com a nova campanha anticomunista lançada pela ditadura?

R. Não se pode desligar do anticomunismo do governo fascista, que é uma peça da sua manobra «liberalizante», a discriminação anticomunista de alguns sectores da Oposição, que é uma peça da sua pretensão de ganhar uma legalidade preferencial e através dela a hegemonia no movimento democrático.

Para os fascistas, o anticomunismo visa reprimir o Partido da classe operária, o único

partido revolucionário, o único que criou uma estrutura clandestina que em dezenas de anos todo o aparelho do Estado não conseguiu destruir, o mais consequente lutador pelos interesses das massas trabalhadoras, pela liberdade, pela democracia, pela independência nacional, o mais forte partido da Oposição e o único que está em condições de ser o cerne da unidade antifascista. Não é porém esse o único objectivo do anticomunismo. O anticomunismo é pretexto para perseguir os sectores democraticos mais combativos (sejam socialistas, católicos ou liberais) e é o fundo político das tentativas do regime para encontrar uma linha de fractura na Oposição, que lhe permita atrair os elementos mais vacilantes ao colaboracionismo e lhe dê pulso livre para reprimir os restantes.

Os fascistas prometem possibilidades legais de intervenção na vida política àqueles que tomem uma posição anticomunista, promovam a divisão dos democratas, aceitem o colapso de forças da legalidade fascista e se disponham a ser colaboradores ou pelo menos a representar o papel duma Oposição inofensiva.

Isto não são apenas conclusões que se deduzam dos discursos de Marcelo Caetano, embora destes tenham sido desde logo legitimamente deduzidas. Os fascistas estão procurando realizar a política que traçaram e temos o dever de informar o povo português de que os homens do partido fascista, da «União Nacional», têm procurado e tido contactos com oposicionistas de diversas tendências para porer o preto no branco, indo ao ponto de oferecer, em termos de contracto, lugares na Assembleia Nacional.

Para honra do movimento democrático, parece não terem até hoje conseguido promessas de colaboração política aberta. Insistem porém em ofertas de facilidades, talvez menores mas preferenciais, àqueles que desçam a pagar os 30 dinheiros da divisão e do anticomunismo. Com verdade se pode dizer que ainda não encontraram também quem pagasse os 30 dinheiros exigidos, mas que é já evidente que alguns se dispõem a bagar 5 ou 10.

A discriminação anticomunista por parte de alguns é pública e conhecida. A sua campanha anticomunista é mais a insidiosa, pois não são tanto razões políticas que aduzem, como boatos que confundiam... «Boatos» parece tema insignificante. Merece porém, nos dias de hoje, mais umas palavras, porque, à falta de argumentos teóricos e de factos comprovativos das próprias concepções e posições, o boato tornou-se para alguns uma justificação e uma arma de propaganda.

Os factos desmentem dia a dia as suas ilusões acerca das intenções de Marcelo Caetano e do processo de «liberalização»? A falta de factos, lançam boatos, alimentando assim as

próprias concepções com as fantasias que eles próprios inventam, ou que são sopradas pelos serviços de propaganda dos demagogos «liberalizantes».

Os factos comprovam que o Partido Comunista fez uma apreciação justa da situação e apresentou uma correcta perspectiva de luta, comprovam que o Partido Comunista continua a ser a primeira força política antifascista e unitária e que a grande maioria dos democratas não só não aceitam a discriminação anticomunista como a censuram? A falta de factos, lançam boatos: falam de imaginárias dissidências entre os dirigentes do Partido; atribuem ao Partido posições que este nunca tomou; eles, que têm contactos com a União Nacional, inventam que é o Partido Comunista que os têm; e, assim e por outras formas, dão curso à vaza da propaganda anticomunista, cuja fonte se vai por vezes descobrir na Rua António Maria Cardoso.

Nesta campanha anticomunista, os oportunistas de direita são secundados pelos cultivadores da frase revolucionária, que, procurando pôr em causa o papel da classe operária e do seu Partido, dão à calúnia as honras de teoria.

Que dizer de tais métodos e processos?

Lastimáveis políticos são aqueles que procuram, na invenção de boatos, a justificação das próprias concepções e a resposta aos desmentidos sucessivos que a vida lhes vai dando.

Lastimáveis políticos, aqueles que cuidam aumentar o seu prestígio e ganhar o direito a uma reconhecida liderança, usando e abusando do boato, da intriga, da invenção e da calúnia, como arma de descrédito, contra o Partido da classe operária.

O anticomunismo encontra cada vez menos eco no movimento democrático e não encontra eco algum nas massas populares. Mas faz os seus estragos. São responsáveis dum verdadeiro crime contra os interesses da luta antifascista e da revolução democrática, aqueles que, face à «união sagrada» dos clãs fascistas em torno do governo de Marcelo Caetano, procuram dividir a Oposição e romper a frente de combate antifascista a pretexto de que têm o direito de afirmar e demonstrar que não são comunistas, como se alguém, incluindo os próprios fascistas, pudesse crer que o fossem.

No momento político actual, a opção não é pelo comunismo ou contra o comunismo, mas pela ditadura fascista ou contra ela. A real alternativa do momento presente é fascismo ou democracia e é esta alternativa que deve demarcar os dois campos e determinar as alianças num e noutro. Na situação actual, a grande linha de divisão política dos portugueses não é aquela que separa os comunistas dos não-comunistas, mas aquela que separa os fascistas daqueles que o não são.

Por isso, nenhum pretexto pode justificar a

divisão de antifascistas nas acções com objectivos concretos acerca dos quais há acordo geral e incontestado. Por isso o Partido Comunista continua pronto a unir-se a todos os que se disponham a lutar para libertar a nossa Pátria da ditadura fascista e para instaurar um regime democrático. A todos, mesmo àqueles que hoje nos atiram pedras. Pomos apenas uma condição: que se disponham finalmente a lutar ao lado das restantes forças democráticas contra o inimigo, que é o nosso, e que, ao fim e ao cabo, é também o deles.

P. Camarada Alvaro Cunhal. Ainda sobre a situação política portuguesa, gostaria de fazer duas últimas perguntas: Pode prever-se em que sentido irá evoluir a política fascista? Que perspectivas próximas se abrem ao movimento democrático?

R. Os fascistas encontram-se ante um dilema, que resulta por um lado das suas dificuldades e contradições internas e por outro lado da amplitude da opinião democrática e do fluxo da luta popular nos últimos meses.

O Partido comunista indicou já os dois termos da alternativa.

Se os fascistas desistem de tomar um facha da « liberalizante » e « renovadora » e regressam declaradamente (com ou sem Marcelo Caetano) ao imobilismo salazarista, isso significa que agravarão as suas contradições internas, renunciarão a alargar as suas bases de apoio, favorecerão a unidade antifascista e a rápida radicalização política de amplas massas, poderão provocar violentas explosões de descontentamento popular.

Se insistem na demagogia « liberalizante » e, entretanto, os democratas reforçam a sua unidade, organização e acção e a luta de massas se intensifica, então serão obrigados a fazer concessões efectivas às reclamações populares.

Existem no campo fascista, diversas clãs e opiniões diversas acerca da forma de fazer sair a burguesia monopolista do beco em que se encontra. Contradições internas, que afloram a cada passo na vida política, é natural que se agravem, enfraquecendo mais o regime e podendo abrir caminho a algumas surpresas. Mas, no momento actual, o que caracteriza fundamentalmente as relações entre os vários clãs e tendências fascistas, não é a luta pelo poder, mas a « união sagrada » em torno do governo de Marcelo Caetano e da sua demagogia « liberalizante » para assegurar a sobrevivência da ditadura.

Nos aspectos externos e formais da sua política, Marcelo Caetano procura apresentar dinamismo, renovação e iniciativa. Por detrás, esconde-se um recuo político e uma posição defensiva do fascismo. Repare-se que a maior parte das afirmações « renovadoras » de Marcelo Caetano procura responder, embora naturalmente de forma mentirosa e enganadora, a acusações e reclamações das massas populares e do movimento democrático. A demagogia consiste precisamente nisso. Trata-se porém de um recuo tático num momento difícil do regime, recuo através do qual os fascistas procuram ganhar tempo, renovar quadros, consolidar posições ameaçadas, erguer novas linhas de defesa, desarticular e amortecer a Oposição. É de capital importância para o movimento democrático não se deixar iludir pelas aparências e compreender que o regime fascista se encontra na defensiva.

Se assim se compreende a situação, daí decorre que a justa atitude não é esperar o que vão dar as iniciativas de Marcelo Caetano (como aconselham alguns), mas emprender audaciosamente a ofensiva. A tarefa é tomar posições que o fascismo, no seu recuo tático, está prestes a abandonar, consolidar-se nelas, não deixar que o fascismo as retome ou se instale em posições mais favoráveis, acentuar o recuo político do regime.

E fazê-lo agora, sem perda de tempo, sem permitir que o fascismo se recomponha da sua grave crise, pois, se não se faz agora, o fascismo pode de facto recompôr-se. Isto significa de forma mais concreta; urge desenvolver a luta com persistência, coragem e confiança: — a luta contra a repressão; exigindo a amnistia, a abolição das medidas de segurança, a dissolução da PIDE; a luta pelo direito de expressão do pensamento, exigindo a abolição da censura; a luta pelo direito de organização, exigindo o reconhecimento dos organismos democráticos que se criem, eleições sérias nos Sindicatos Nacionais e o respeito pela gestão democrática de todas as organizações de massas; a luta pela satisfação das reivindicações económicas mais urgentes da classe operária e das massas laboriosas, exigindo o aumento de salários e vencimentos e resistindo à alta de preços e dos impostos; a luta pelo fim imediato da guerra colonial; a luta por uma política externa de paz e convívio internacionais; também agora a luta para que a Oposição democrática possa concorrer livremente às eleições para a Assembleia Nacional. O prosseguimento da luta com estes e outros objectivos concretos imediatos e a obtenção de vitórias mesmo que limitadas e contingentes, são o único caminho para maiores lutas e para maiores vitórias.

O tema justificaria que lhe consagrássemos

largo tempo. Dados porém os limites desta entrevista, aliás já demasiado longa, diremos apenas algumas palavras sobre as lutas da classe operária e sobre as chamadas « eleições » para a Assembleia Nacional.

Sobre as lutas da classe operária,

Antes ainda da formação do governo de Marcelo Caetano, a Proclamação do Comité Central do Partido Comunista de 22 de Setembro de 1968, sublinhou que, na nova situação criada pela incapacitação de Salazar, « seria erro grave se a urgência da luta política levasse a menosprezar a luta por reivindicações económicas ». O Partido afirmou que o momento era « particularmente favorável para a luta vitoriosa pelas reivindicações económicas imediatas dos trabalhadores », e que « o desenvolvimento da luta económica é, na etapa actual, uma das mais decisivas formas de luta contra o fascismo, de participação na luta política das vastas massas trabalhadoras ».

A classe operária correspondeu ao apelo do Partido e os acontecimentos comprovaram a justeza da orientação traçada. As lutas desenvolveram-se no Outono de 1968, ganharam sucessivamente novos sectores e conduziram à vaga de paralizações e greves do primeiro trimestre do ano corrente. Os trabalhadores conseguiram em numerosos casos a satisfação de reivindicações que há muitos anos era protelada. E estas lutas, embora com objectivos imediatos de natureza económica, constituíram sem qualquer dúvida, pelos seus resultados, pelo seu carácter, pelo seu significado, pela forma de greve que em muitos casos assumiram, as mais importantes lutas contra o fascismo desde a constituição do governo de Marcelo Caetano.

É necessário insistir, alargar, intensificar a luta pelas reivindicações económicas dos trabalhadores, pela necessidade inadiável de defender os seus interesses, e também porque a luta económica será sempre, mesmo numa época revolucionária, escola de educação política das mais largas massas e arma poderosa contra o poder dos monopólios.

As razões por que, nos movimentos legais da Oposição, os quadros operários não aparecem em primeiro plano, conhecem-nas bem, embora finjam ignorá-las para as fazerem esquecer aos outros, aqueles que no facto buscam argumentos depreciativos contra o proletariado e o seu Partido. Fingem ignorar que a repressão fascista faz destruições de classe; que dirige o seu maior peso contra a classe operária; que, se a luta política nas condições de fascismo é acto de coragem de intelectuais e estudantes é acto de heroísmo dos operários e camponeses; que, enquanto aos dirigentes socialistas e liberais é permitido apresen-

tarem-se publicamente como opositores, os dirigentes máis qualificados da classe operária, ou vivem e lutam na clandestinidade, ou se encontram nas prisões condenados a prisão perpétua. Sem essas circunstâncias, o panorama da luta legal e toda a vida política portuguesa teriam sem qualquer dúvida fisionomia diferente. Mas outros factos fingem ainda ignorar: que a classe operária participa sempre de forma directa e decisiva na acção política, quando esta se transforma em acções de massas e intervém dia a dia na luta política, numa posição de vanguarda e determinante, através do seu partido de classe.

Sobre as chamadas « eleições » para a Assembleia Nacional.

Seria tão errado fugir a apresentar candidatos decretar o boicote, como apresentar candidatos que aceitassem o colete de forças oferecido pela ditadura a uma Oposição inofensiva separada das massa.

O Partido Comunista defende que a Oposição deve apresentar candidaturas únicas e unitárias, sem discriminações, a não ser que alguns se discriminem a si próprios recusando-se à acção comum. Neste caso, se alguém, antecipando-se, pretendesse o monopólio da representatividade da Oposição beneficiando de facilidades preferenciais concedidas pelo fascismo, o movimento democrático não poderia sancionar uma tal iniciativa, pondo-se a seu rébóque.

Daí a urgência, para, os sectores que defendem a unidade, de avançarem todo o trabalho relativo às « eleições », incluindo a apresentação de candidatos. Daí a urgência de estruturar a organização do movimento. Daí a necessidade de ligar a preparação para a luta « eleitoral » à luta de hoje com os objectivos concretos imediatos apontados. O propósito declarado da Oposição concorrer às « eleições » para a Assembleia Nacional tem de significar a firme determinação de desenvolver desde já a acção política e a luta de massas, de fazer da concorrência às « eleições » o motivo de um grande movimento nacional pelas reivindicações democráticas do povo português e de prosseguir essa batalha até ao acto « eleitoral » e para além dele.

Para assegurar o amplo desenvolvimento da luta popular é indispensável um extraordinário esforço de organização, nas fábricas, nas empresas, nos campos, nas escolas e Academias, nos meios intelectuais. Organização para dirigir as lutas com objectivos imediatos, económicos, políticos ou culturais. Organização da juventude. Organização das mulheres. Organização para preparar e conduzir a campanha « eleitoral ». Organização como instrumento de acção, de direcção, de mobilização das massas.

Para assegurar o amplo desenvolvimento da luta popular, é indispensável também e a par da firmeza e clareza política e de grande audácia, dar provas de serenidade, sangue frio e de um profundo sentido das realidades. Quando se combate um inimigo tão desleal, tão violento, tão falho de escrúpulos, como é a ditadura fascista, só por fanfarronice se declara, a cada passo que se dá, o passo que em seguida se pretende dar. Os impacientes e exaltados nem sempre assim o entendem, do que resulta que o fascismo, advertido e experiente, golpeia muitas vezes iniciativas e bases organizadas antes que tenham podido desenvolver-se amplamente. Por vezes há que declarar, por vezes que esconder, os objectivos últimos duma acção determinada. No período de fluxo da luta popular que atravessamos, a perspectiva revolucionária tem de estar sempre presente. Não é porém anunciando ao inimigo o objectivo revolucionário de cada luta parcial que a revolução se aproxima.

Podemos num curto prazo alcançar importantes êxitos, se soubermos associar justamente a organização e a acção legais com a organização e a acção clandestinas, se soubermos aproveitar todas as possibilidades de trabalho nas organizações legais, se soubermos

criar laços estreitos com as vastas massas populares, se prosseguirmos uma política de unidade, se concentrarmos esforços e energias para, em torno de objectivos concretos e imediatos, desenvolver um verdadeiro movimento nacional e popular organizado. Pela sua parte, o Partido Comunista Português e cada um dos seus militantes não pouparão esforços para levar a bom termo estas tarefas.

E porque temos ilimitada confiança no imenso potencial de energia revolucionária do proletariado, de que as últimas lutas são nova demonstração; porque comunistas, católicos, socialistas, liberais, tudo o que há de melhor no movimento antifascista, estamos criando ombro com ombro as bases para o amplo desenvolvimento da luta política; porque confiamos no espírito combativo da juventude e das mulheres do nosso povo, que se encontram sempre nas primeiras linhas de todas as frentes de luta; — estamos confiantes também em que, no ano corrente, prosseguirá a ofensiva das massas trabalhadoras, dos estudantes, de todo o movimento democrático, se acentuará o fluxo da luta popular de massas e serão alcançadas importantes vitórias abrindo caminho para as batalhas decisivas e finais contra a ditadura fascista, pela liberdade.

(Transmitida pela R.P.L. no dia 8 de Maio de 1969)